

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE
CULTURA E COMUNICAÇÃO

Edinéia Limeira dos Santos

**Samba Rock na Cidade de São Paulo: Uma Análise da
Evolução do Gênero Desde os Anos 1970 nos Bailes
Blacks, até o Registro Como Patrimônio Cultural Imaterial**

São Paulo

2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**Samba Rock na Cidade de São Paulo: Uma Análise
da Evolução do Gênero Desde os Anos 1970 nos
Bailes Blacks, até o Registro Como Patrimônio
Cultural Imaterial**

Edinéia Limeira dos Santos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção do título de
Especialista em Gestão de Projetos Culturais e
Eventos.

Orientação: Dennis de Oliveira

São Paulo

2020

Agradecimentos

Quando comecei neste curso, por uma grande rasteira da vida, não tinha ideia se conseguiria terminar. Além de não imaginar que concluiria em meio a uma pandemia mundial.

A força motriz para continuar sempre esteve em minha família, à quem agradeço de coração. Agradeço à todas e todos que estão aqui, e aos meus ancestrais.

Sumário

Agradecimentos	3
Resumo	5
Introdução	6
1. Cultura no Sentido Geral	7
2. Cultura Negra como Resistência	8
3. Afinal, o que é o Samba Rock?	12
4. Surgimento do Samba Rock na Cidade de São Paulo	14
5. A Evolução do Gênero Pelas Décadas	16
a) A Década de 1970 e os Bailes Black	16
b) Décadas de 1980 a 1999 e a Volta para o Centro	18
c) As Décadas de 2000 a 2016 e as Academias de Dança	22
6. Samba Rock Como Patrimônio Cultural Imaterial	24
a) O Processo de Registro	25
b) A Importância do Registro de Patrimônio Para o Gênero	26
7. Considerações Finais	27
8. Referências Bibliográficas	29
ANEXOS	33
Transcrição da entrevista com Marco Mattoli	33
Transcrição da entrevista com Mara Show	43
Documento de registro do samba rock como Patrimônio Cultural Imaterial	49

Resumo

A proposta do artigo é analisar o gênero samba rock, com foco na sua evolução desde os anos 1970 até o ano de 2016, quando o gênero foi registrado como patrimônio cultural imaterial na cidade de São Paulo. Propõe-se mostrar, nesta evolução, a integração entre o samba rock e os bailes blacks, que em décadas passadas foram fundamentais para o crescimento de uma geração, visto que, além de entretenimento, os bailes eram fonte de conhecimento, resistência e troca de saberes culturais.

Palavras-chave: Samba, samba rock, baile black, patrimônio cultural imaterial

Abstract

The purpose of the article is to analyze the samba rock music, focusing on its evolution from the 1970s to the year 2016, when the samba rock was registered as immaterial cultural patrimony in the city of Sao Paulo. It is proposed to show, in this evolution, the integration between samba rock and black dances, that in past decades were fundamental for the growth of a generation, since, in addition to entertainment, the places were a source of knowledge, resistance and exchange of knowledge.

Key-words: Samba, samba rock, black dance, intangible cultural heritage

Resumen:

El propósito del artículo es analizar el género del samba rock, centrándose en su evolución desde la década de 1970 hasta el año 2016, cuando el género fue registrado como patrimonio cultural inmaterial en la ciudad de São Paulo. Se propone mostrar, en esta evolución, la integración entre el samba rock y los bailes negros, que en décadas pasadas fueron fundamentales para el crecimiento de una generación, ya que, además del entretenimiento, los bailes fueron fuente de conocimiento, resistencia e intercambio de conocimientos. conocimiento cultural.

Palabras-clave: Samba, samba rock, danza negra, patrimonio cultural inmaterial

Introdução

O artigo inicia-se a partir do conceito de cultura no sentido geral, antropológico. Entre os tantos termos que são utilizados para definição de cultura. Neste artigo, cultura será analisada por meio dos próprios atores que a promovem, nas esferas sociais e políticas.

Além disso, por ser o samba rock uma manifestação cultural contemporânea e em avanço, foi analisado o conceito de que para uma cultura em observação, as variáveis são muitas e estão em pleno acontecimento, construção e evolução.

A intenção foi também destacar o samba rock, inserido na própria cultura negra, em sua resistência e articulação para outras frentes.

Uma vez entendendo de onde partiremos, na sequência, o intuito é falar sobre os grandes bailes blacks da década de 1970, e traçar um breve histórico através das décadas, com a intenção de apresentar como o gênero mudou no decorrer do tempo, até 2016, ano em que o samba rock foi registrado como patrimônio cultural imaterial da cidade de São Paulo.

Foram realizadas entrevistas com Mara Show e Marco Mattoli, que fazem parte do movimento samba rock e viram esta evolução do gênero de perto.

O conhecimento empírico também é fundamental, uma vez que muito do que será descrito neste artigo terá base a partir da própria experiência da autora, da observação nos bailes blacks, nos quais frequenta desde a década de 1990, além de festas de família e bailes nostalgia. Para a escrita, realizou entrevistas com agentes que estiveram presentes nos bailes e que estão dentro da cultura samba rock. Por ser uma manifestação artística contemporânea e em plena evolução, o empirismo precisa ser considerado também dentro da aplicação do sentido de cultura simbólica.

Além disso, o artigo é um mergulho profundo na pesquisa da cultura samba rock para a autora, pois estando no dia a dia da produção cultural, percebeu o quanto são necessárias mais fontes de pesquisa sobre o tema, além da riqueza desta cultura, que se mistura à própria cidade de São Paulo.

1. Cultura no Sentido Geral

No início da era moderna, a palavra cultura, que vem do latim *colere* (*cultivar*), era utilizada para indicar o cultivo no sentido agrícola. A partir do século XVIII, este sentido foi ampliado para o cultivo de conhecimento, e, mais tarde, no século XIX, o sentido foi mais uma vez aumentado, e por muitas vezes, usado como sinônimo de civilização.

Levando-se em consideração os atores motivadores desta constante mudança conceitual de cultura, de acordo com o tempo e local de onde vem. Thompson explica que:

[...] Cultura ou Civilização, tomada em seu sentido etnográfico amplo é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e todas as demais capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade. A condição da cultura em diversas sociedades da espécie humana, na medida em que é passível de ser investigada nos princípios gerais, é um tema apropriado para o estudo do pensamento e da ação humanos. (THOMPSON, 2011, p.171)

Segundo John B. Thompson, em seu texto *Ideologia e Cultura Moderna*, os primeiros registros sobre os estudos da cultura aconteceram por volta do século XVIII e XIX, com filósofos e historiadores alemães. Eles acreditavam que a cultura seria um fenômeno apenas para determinadas pessoas, crentes no crescimento intelectual e espiritual. Isto seria o oposto à crueldade, barbárie, selvageria e estupidez. E diferia a civilização ou pessoa civilizada, culta, dos demais indivíduos. Temos, então, o que seria a concepção clássica de cultura, difundida e aceita na época.

Conforme os estudos foram avançando, ainda no século XIX começaram os conteúdos no campo da antropologia. A concepção de cultura passou a ser estudada como cultura antropológica. Houve, então, uma ampliação no conceito de cultura clássica.

Ainda que, superficialmente, e considerando as sutilezas inerentes a tudo o que não pode ser dado como universal, o conceito antropológico de cultura, Thompson considera os termos “cultura descritiva” e “cultura simbólica”. Estes conceitos serão extremamente relevantes para o que será discutido neste artigo, mais a frente.

Quando falamos de crenças, concepções e costumes praticados e reconhecidos, estamos falando da cultura em sua forma descritiva, porém, a cultura também faz parte do imaginário e se utiliza de uma série de símbolos dos quais podemos distinguir o que estamos falando. A cultura simbólica pode se basear no que a cultura descritiva indica como indispensável para um determinado grupo social. O estudo desses fenômenos de símbolos culturais é muito interessante, pois pode mudar de acordo com o grupo estudado e de acordo com a interpretação destes símbolos.

Portanto, é impossível desassociar a cultura dos agentes culturais e das pessoas que tornam esses saberes possíveis, uma vez que, os fenômenos culturais só existem porque as pessoas que os produzem se utilizam de textos, músicas, artefatos, objetos e símbolos diversos para realizarem estas manifestações. Nós, seres humanos, somos seres sociais, e é natural que as expressões culturais acompanhem o tempo, ambiente e sociedade em que vivemos. Assim sendo, independente de qual parte do mundo estejamos, falar sobre cultura é falar sobre a sociedade em si, com toda a complexidade que isto traz.

O conceito de cultura é amplo e utilizado em várias áreas do conhecimento, que levam em consideração diversos fenômenos.

2. Cultura Negra como Resistência

Como vimos anteriormente, cultura em sua definição geral, considera ações e pensamentos humanos como parte de um conhecimento complexo em sociedade. Logo, podemos dizer que mesmo com uma definição ampla comum, cultura será distinta para diferentes pessoas, em diferentes lugares do mundo, pois é necessário ter um olhar etnográfico sobre esta complexidade.

A hegemonia branca e europeia rebaixa a cultura de outros povos e as tratam como menos importantes. Então, nesse sentido, quando uma pessoa negra utiliza símbolos e saberes culturais que a identificam como um indivíduo de determinada raça ou crença, isto pode ser visto como um ato

de resistência, pois a pessoa incorpora estes símbolos não hegemônicos em seu dia a dia, em suas vestimentas e em sua forma de agir. É uma maneira desta pessoa dizer que sua existência e seus comportamentos devem ser respeitados e que haverá resistência a qualquer forma de desumanização e deslegitimação de sua cultura. Abdias do Nascimento se debruçou neste estudo e dialética. É comum a classificação da cultura negra no mesmo campo da cultura popular, muitas vezes, com a intenção de diferenciar a cultura clássica, *erudita*, da cultura comum, considerada, como algo para pessoas menos qualificadas ou instruídas.

Em primeiro lugar, é importante ressignificar o conceito, como sugere Stuart Hall (2011, p. 151):

[...] O que nós estamos tratando diz respeito à luta pela hegemonia cultural que está, nestes dias, empreendida tanto na cultura de massa quanto em qualquer outro lugar. Aquela distinção erudito/popular é precisamente o que o pós-moderno global está deslocando. A hegemonia cultural nunca diz respeito à vitória ou à pura dominação (não é o que o termo significa); não é nunca um jogo cultural; de inversões; é sempre sobre o mutável balanço do poder das relações de cultura; (HALL, 2002, p. 151).

Então, segundo Hall, a definição de cultura popular não cabe no sentido de rebaixamento, mas a depender de onde você fala e de quem você é, pode haver um grupo dito como hegemônico na intenção de se apropriar de sua narrativa cultural, como parte de um jogo de poder.

Como dito anteriormente, a própria concepção de cultura demonstra a ideia de que existe um grupo que não a possui; pessoas sem instrução e sem erudição, e como tal, não são capazes de adquirir e repassar conhecimento e elevarem o espírito. São as pessoas “sem cultura”. Esta ideia seria difundida por um grupo de pessoas com o intuito de criar separação hierarquizada, ideológica e racista.

Para Frantz Fanon, a forma pela qual este fenômeno se dá é bastante bem sucedida, pois se trata de um grupo que baseia suas ações na discriminação, no racismo, e na destruição de culturas em regiões geográficas determinadas.

Fanon se debruçou no estudo de como a cultura e o racismo estão

ligados de forma definitiva, uma vez que a dominação cultural é utilizada por determinados povos em detrimento de outros, principalmente de pessoas socialmente menos favorecidas e de pessoas negras.

Para Fanon:

[...] O racismo não é um todo, mas o elemento mais visível, mais cotidiano, para dizermos tudo, em certos momentos, mais grosseiros de uma estrutura dada. Estudar as relações entre o racismo e a cultura é levantar a questão da sua ação recíproca. Se a cultura é o conjunto dos comportamentos motores mentais nascido do encontro do homem com a natureza e com o seu semelhante, devemos dizer que o racismo é sem sombra de dúvida um elemento cultural. (FANON, 1956, p. 36).

Para rebaixar um povo a pequenez estabelecida pelos povos dominantes, as escrituras já não eram suficientes e era necessário se reinventar. Para Fanon, estudos científicos de características físicas e fenotípicas não bastavam para a diferenciação das sociedades, então era necessário que se doutrinasse a partir de fenômenos culturais mais refinados. E, essa base de estudos, uma vez aceitas por determinada parcela da população, podem ser consideradas racismo cultural. A mensagem foi passada e aceita amplamente, não necessitando de mais conteúdos ou provas científicas para que estivesse disseminada.

Sendo assim, neste caso, o racismo é um elemento cultural caracterizado pela opressão sistemática e traz consequências devastadoras para quem o sofre.

Especificamente falando do Brasil e da colonização portuguesa, podemos citar a escravização e o sequestro de pessoas africanas, retiradas de sua terra natal de forma brutal e violenta. Esta foi uma clara maneira de desculturalizar as pessoas e forçá-las a irem para outros países. A intenção era eliminar qualquer vestígio do país de origem, para que a dominação cultural sobre seus corpos e mentes fosse total e irrestrita.

Por outro lado, pessoas negras sempre criaram mecanismos de resistência à essa opressão, conforme descreve Abdias do Nascimento em seu livro *O Genocídio do Negro Brasileiro*. Formando grupos, e usando os símbolos culturais clandestinamente, como forma de ressignificação e não

esquecimento do lugar de onde vieram. Portanto, é importante destacar e analisar o conceito de cultura negra do ponto de vista da resistência e articulação para outras frentes.

Especificamente no Brasil, logo após a chegada dos primeiros negros escravizados, a criação de quilombos, as rodas de candomblé, de capoeira e samba, onde havia grande concentração de pessoas negras, também foram formas destas pessoas se articularem cultural e politicamente. Com isso, foram abertos locais e canais de discussão para que pudessem conversar sobre direitos, sobre a situação do país naquela época e sobre como isso afetava a população preta.

Questões identitárias surgiram dessas conversas, desses quintais, desses terreiros, dessas periferias. Articulações políticas que se misturavam aos ritos, festas e conversas, capoeiras e rodas de jongo.

Estes locais de articulações culturais e de resistência foram bases para os séculos seguintes, com pessoas negras se organizando também intelectualmente nos bailes de samba rock e bailes blacks, além das festas e da identificação com os pares. O próprio ato de ir ao baile sempre foi uma ação política, tanto pelas vestimentas, quanto pela música e pelas pessoas que se encontravam nesses lugares. Pois, geralmente, eram pessoas marginalizadas e, certamente, se sentiam mais confortáveis em irem aos bailes com outras pessoas negras.

Abdias do Nascimento, percebeu esta articulação presente nos bailes e trouxe a perspectiva de que poderia ser, inclusive, entendida como articulação e tomada de consciência para uma forma de ativismo. O autor afirma que:

[...] Com efeito, a geração atual dos jovens descendentes de africanos está demonstrando um promissor espírito rebelde. Apesar das difíceis condições vigentes no Brasil, impostas pela ditadura militar desde 1964, com a supressão das liberdades públicas e das garantias dos direitos individuais e humanos, há tentativas que denunciam a inquietude dos jovens na procura de um caminho válido. E isto se torna mais difícil por causa do ambiente, vazio de esperança e cheio de confusão, verificável no país. Essas realidades fazem compreensível que nas grandes cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo a juventude negra canalize suas ansiedades para movimentos como estes intitulados de "Black Mad" ou de "Soul" (Folha de São Paulo, 15 de abril de

1977, p.40), os quais parecem utilizar a música, a dança, o vestuário, o corte de cabelo e outros símbolos como demonstrativos do inconformismo e confrontação. E para evadir do sentimento de frustração, mesmo ao custo de recorrer a modelos alienados, cuja origem ostensiva são os negros dos Estados Unidos. Quem pode adivinhar se essa iniciativa, aparentemente equivocada, não se transformará num movimento de tomada de consciência e de uma afirmação original? (NASCIMENTO, 1978, p.131).

3. Afinal, o que é o Samba Rock?

Se acrescentarmos mais uma camada à discussão sobre cultura negra como resistência, podemos dizer que o samba rock é a uma das lutas dentro da cultura negra, tão diversa e ampla. Como veremos mais à frente, tanto desde a origem do termo quanto em o seu surgimento na cidade de São Paulo, o samba rock é cercado de articulações políticas e resistência.

O samba rock é fruto de uma mistura de ritmos. Teve início dentro da música negra urbana contemporânea brasileira no fim dos anos 50 (OLIVEIRA, 2006). É a mescla entre jazz, rock e a soul music, sendo que os negros da periferia de São Paulo criaram os primeiros passos de dança que misturava influências coreográficas do *rockabilly*¹ americano à marcação do samba. Essa nova dança acabou sendo batizada de samba rock, o que definiu também uma nova maneira de fazer música. Oliveira afirma ainda que:

[...] a estrangeira, encerrando em si tensões e conflitos não só estéticos, mas também sociais e ideológicos. Este também seria o nome mais utilizado atualmente, dentro do cenário musical contemporâneo que presencia o (re)aparecimento de vários artistas que enquadram seu trabalho como samba-rock, em referência ao processo de redefinição destes produtos musicais por parte das gravadoras e por parte de seus públicos, em processo de reconfiguração. (OLIVEIRA, 2006, pág.2)

¹Rockabilly é um dos primeiros subgêneros do rock and roll, tendo surgido nos Estados Unidos no começo da década de 1950, especialmente no Sul do país.

A definição do samba rock como estilo musical é muito complexa, pois ele é mais facilmente identificado como uma forma de se dançar. O samba rock pode ser dançado com samba soul, rap, rock, partido alto e vários outros estilos musicais. Geralmente, as pessoas que dançam samba rock prestam atenção no ritmo e na batida musical e encaixam os passos de dança dentro desse estilo.

Como ritmo, o samba rock nunca teve uma música tida como sua, pois as canções eram em sua origem rock, samba, soul, entre outras. Porém, por volta dos anos 1980, surgem músicos que passam a denominar seus trabalhos como samba rock puramente, e a partir desse ponto, o gênero também passa a ser entendido como um estilo musical. Hoje o samba rock pode ser definido como um movimento cultural, que nasceu como dança e se tornou um estilo musical.

No que diz respeito à sonoridade, Marco Mattoli, fundador do grupo musical Clube do Balanço, afirma que há uma maneira de se tocar, que é muito peculiar do samba rock, com uma série de tempos e contratempos, que o diferencia de outros ritmos musicais.

A primeira vez que se tem registro da palavra samba rock, é na música gravada por Odete do Amaral em 1958, chamada “Chiclete com Banana”, composição de Gordurinha e Almira Castilho:

*Só ponho bebop no meu samba Quando o tio
Sam pegar no tamborim
Quando ele pegar no pandeiro e no zabumba
Quando ele entender que o samba não é
rumba
Aí eu vou misturar Miami com Copacabana
Chicletes eu misturo com banana
E o meu samba vai ficar assim*

*Bebop, Bebop, Bebop Bebop, Bebop,
Bebop, Bebop, Bebop, Bebop
Quero ver a grande confusão
Bebop, Bebop, Bebop, Bebop, Bebop,
Bebop, Bebop, Bebop, Bebop,*

É o samba-rock, meu irmão

*Mas em compensação,
Quero ver o boogie-woogie de pandeiro e
violão
Quero ver o tio Sam de frigideira
Numa batucada brasileira
Quero ver o tio Sam de frigideira
Numa batucada brasileira*

Apesar do ritmo desta música não ser caracterizado como um som de samba rock, esta foi a primeira menção ao termo de que se tem notícia. Na música, Odete do Amaral fala sobre as misturas que a influência estadunidense nos trouxe e as mudanças que estas ocasionaram.

Um ano depois, em 1959, esta música foi gravada por Jackson do Pandeiro, e lançada no mesmo ano, no LP “Jackson do Pandeiro”, pela gravadora Columbia. Até hoje, muitas pessoas desconhecem a gravação original de Odete do Amaral e entendem Jackson do Pandeiro como o primeiro a ter gravado a canção, pela qual se origina o termo samba rock.

Posteriormente, a canção ganhou uma repercussão ainda maior na voz de Gilberto Gil, gravado em 1972 no LP “Expresso 222”, marcando a sua volta do exílio político. A música ganhou novamente as paradas de sucesso, sugerindo um termo que resume seu enredo: “é o samba rock meu irmão”.

O termo samba rock, em sua própria estrutura, remete exatamente à ideia da fusão musical entre a música brasileira e a estrangeira, trazendo em si tensões e conflitos não só estéticos, mas também sociais e ideológicos. Este também seria o nome mais utilizado atualmente, dentro do cenário musical contemporâneo que presencia o reaparecimento de vários artistas que enquadram seu trabalho como samba rock.

4. Surgimento do Samba Rock na Cidade de São Paulo

No final dos anos 1950, com a chegada do rock estadunidense à cidade de São Paulo, as pessoas que frequentavam bailes começaram a

misturar os passos do samba ao do *rockabilly*. Nas periferias, como são chamadas as regiões mais distantes do centro, as famílias em sua maior parte composta por pessoas negras dançavam esta novidade em suas festas, batizados, casamentos e começaram a passá-las para as próximas gerações de maneira instintiva.

Frith, nos explica sobre o surgimento dos gêneros:

[...] A origem dos gêneros permanece como assunto de um elaborado e irresoluto debate. Ou, colocando de forma mais lógica, o processo de definição dos gêneros é mais bem compreendido como uma ação “conspiratória” do que como algo criado individualmente, sendo o resultado de um livre acordo entre músicos e fãs, escritores e disc jockeys (FRITH, 1996, p. 88).

Para Mattoli, a própria dificuldade em definir o samba rock anda em paralelo a complexidade de se definir a cidade de São Paulo. Por ser tipicamente paulistano, o ritmo se beneficiou da grande mistura que é a cidade de São Paulo, com a amálgama de pessoas vindas de diversas partes do mundo.

[...] a dificuldade de se definir é um pouco explicação do que é o samba rock, eu acho que um dos aspectos mais interessantes do samba rock é a maneira como ele incorpora músicas alienígenas a ele. Ele pega uma música e declara: música! você é um samba rock! Eu acho que isso é um aspecto muito interessante dessa cultura, é um aspecto que merece ser destacado e ter uma certa reflexão filosófica e cultural sobre isso. Talvez tenha a ver um pouco com a cidade de São Paulo, com essa grande diferença que existe dentro de uma mesma cidade. A gente sabe que dentro de São Paulo temos nós temos Suíças, nós temos Áfricas, nós temos Europas, nós temos extrema pobreza, nós temos altíssima riqueza, e acho que cultura do samba rock de alguma maneira reflete isso. A primeira coisa que é dificuldade de se definir o samba rock é porque você não consegue definir pela música, porque um dos eixos centrais para se definir a cultura é o baile, é o evento, é o ponto de encontro, é a festa. A festa é um dos eixos principais para se entender o samba rock, que seria o baile black. (MATOLLI em entrevista concedida à autora)

Devido ao estilo de se dançar, o novo gênero samba rock surgiu naturalmente nas festas das famílias negras paulistas, que sempre foram locais de reuniões coletivas para as pessoas negras. Se encontravam

também nos bailes, e posteriormente, nas escolas de samba de São Paulo. Inicialmente, a dança era ensinada dentro de casa e passada dentro do ambiente familiar, de pais para filhos.

Com o passar do tempo e o surgimento dos bailes black e bailes nostalgia, esta maneira de se dançar dentro de casa passou para dentro dos salões de festas e os ensinamentos passados de geração a geração nas famílias, passaram também a serem ensinados dentro dos bailes. Mais tarde, por volta dos anos 1990, dentro das academias e locais de danças de salão.

Portanto, mesmo com uma divergência de ideias e entendimentos ao tentar definir o samba rock, ele hoje é reconhecido como um movimento cultural genuinamente paulistano, pulsante e que não se restringe à dança, mas à divulgação, fortalecimento e renovação da identidade negra na cidade de São Paulo.

5. A Evolução do Gênero Pelas Décadas

a) A Década de 1970 e os Bailes Black

No início da década de 1970, já existiam os chamados bailes blacks, que na década anterior eram bailes realizados com orquestra, pois ainda não existia a figura do discotecário. Esta figura se popularizou mais tarde, ainda na década de 1960.

A dança e a música sempre foram elementos presentes e necessários para realização dos bailes, e no samba rock essas partes se reuniam. No baile, casais se encontravam para praticar a dança, DJs mostravam sua seleção de músicas sendo algumas remixadas pelos próprios, a música embalava os acontecimentos e os cantos surgiam quando existia a apresentação de um cantor, cantora ou banda, neste último caso, um show.

Quando os bailes black começaram a se popularizar nos anos de 1970, aconteciam reuniões de pessoas que seguiam para os bailes no centro da cidade de São Paulo, mais precisamente em frente a uma loja de departamentos chamada Mappin. Este era o ponto de encontro para organização cultural e articulação política, além da divulgação das festas

nos finais de semana.

Eduardo Joaquim de Oliveira, um dos primeiros organizadores de bailes em São Paulo e que se autointitulava discotecário na década de 1970, relata:

[...] o baile das Marias, do Seu Ezequiel reunia as costureiras do Bom Retiro; empregadas domésticas frequentavam a Rua Direita, as negras. Aí você descia um pouco e ia para a Praça da Bandeira, chegava a Praça do Correia onde tinha os ônibus para Santo Amaro. Capão Redondo. Nós fizemos um corredor que passava pelo Mappin com duas pontas: uma na esquina da Rua Direita e a outra parando no Mappin. (Documentário: Mil trutas mil tretas, 2006)

Na segunda metade da década de 1970, começaram a surgir as chamadas equipes de baile, que eram equipes formadas em sua maioria por jovens que conheciam os locais e pessoas em São Paulo que mais se destacavam na realização de eventos para a população negra e periférica.

Em São Paulo, os bailes ganharam projeção com as equipes. Elas traziam artistas negros para apresentações, e algumas equipes chegaram a trazer atrações internacionais, sem ao menos seus líderes dominarem o idioma inglês para proceder com as negociações. Era uma revolução na época.

Vale citar William, da Zimbabwe; Luís Carlos, da equipe Os Carlos; Luizão, da equipe Chic Show; Carlos Família da equipe Musicaliando.

O documentário "Bailes" (2007), avalia o real impacto que os bailes tiveram sobre a comunidade negra, sendo que no atual momento, os grandes bailes deram lugar a espaços menores, nos bairros periféricos ou nos de classe média e boêmios. Mas, que na década de 1970 reuniam de duas mil e quinhentas a cinco mil pessoas por evento, chegando em seus momentos de pico, a aglomerar vinte mil jovens por final de semana.

Hoje, o "único grande baile black é o chamado baile nostalgia", disse Márcio Barbosa, integrante do grupo paulistano de literatura Quilombhoje, responsável pela produção do documentário, que tem 45 minutos e se desdobra em um livro com depoimentos e fotografias.

Os bailes tiveram papel fundamental na manutenção da cultura samba rock, pois reuniam no mesmo espaço os elementos do samba rock:

dj, banda, músico, baile, dançarino, além de reforçarem a identidade negra principalmente na cidade de São Paulo. Esses eventos marcaram época, pois reuniam num único lugar uma população negra que dificilmente era vista junta no dia a dia da cidade.

No documentário *Mil trutas, mil tretas*, 2006, Luizão lembra da apresentação do cantor Jorge Ben, no salão da Sociedade Esportiva Palmeiras, que teve o maior público já contabilizado pela equipe Chic Show em um baile, dezoito mil pessoas. Um mar de gente negra, como ele se referiu.

b) As Décadas de 1980 a 1999 e a Volta para o Centro

Com a grande efervescência cultural que acontecia nos bailes dos anos 1980, as equipes de baile eram grandes agentes responsáveis pela divulgação do samba rock.

Uma equipe em especial e que vale destacar foi a equipe “Os Carlos”. A equipe os Carlos, fundada por Luiz Carlos Ribeiro da Silva, foi fundamental para a divulgação do gênero samba rock no começo dos anos 1980. Faziam grandes bailes e eram uma das poucas equipes na época que faziam eventos onde se tocavam soul, funk e samba rock.

Os bailes da equipe os Carlos sempre lotavam, por serem os bailes que tocavam mais diversidade de gêneros musicais na época. Houve também uma importante mudança na nomenclatura e os bailes passaram a se chamar bailes nostalgia, como afirma Dinho Pereira, em entrevista “Negro é lindo: história dos bailes black de SP”, para o site Arte Brasileiros:

[...] “Houve uma ruptura geracional. Não foi só o Serjão que não engoliu o soul e o funk. Foi praticamente toda a dinastia oriunda da Orquestra Invisível. Tanto é que esse tipo de som que eles tocavam só foi voltar a fazer sucesso nos bailes dos anos 1980, com a volta da equipe Os Carlos. Foi aí que o estilo ganhou o nome de nostalgia”. (Entrevista ao site Arte Brasileiros, 2017.)

Há também registros fotográficos do acervo de imagens de Sr. Luiz Carlos, do que seriam o primeiro e segundo campeonatos de samba rock, realizados em 1981 e 1982, respectivamente.



Primeiro campeonato de samba rock, realizado pela equipe Os Carlos, em 20/04/1981, na cidade de São Paulo, no Palácio Mauá.



Segundo campeonato de samba rock, realizado pela equipe Os Carlos, em 04/1982, na cidade de São Paulo, no Clube Atlético Ipiranga.

A transição dos anos 1980 para os anos 1990, no que diz respeito ao samba rock, foram marcados pelo surgimento de equipes de dança. Motivadas pela popularização dos campeonatos de samba rock, e pelas equipes que surgiram no final dos anos 1980. A equipe de baile Os Carlos iniciou novidade dos campeonatos no começo da década de 1980, porém ainda contando com a disponibilidade dos casais que frequentavam os bailes, para inscrição nos momentos de campeonato.

Com uma análise de documentos da época e com a entrevista concedida por Mara Show, é possível afirmar que o fato dos eventos não serem exclusivamente de samba rock e se manterem assim até os anos 2000, não favoreciam o surgimento de equipes de dança para participação nos campeonatos, pois os mesmos eram uma espécie de entretenimento para intervalos de baile nostalgia. Sobre isso, Mara disse:

[...] quando a gente quer dançar samba rock a gente tem que ir ao baile nostalgia para dançar o samba rock, só que, a gente chega lá no baile nostalgia, vai tocar vários tipos de músicas negras até chegar à seleção do samba rock. Vem as músicas, e aí eu tenho que esperar de 3 a 4 horas para dançar músicas de samba rock. (SHOW em entrevista concedida à autora).

Ainda sobre o assunto, Marco Mattoli afirma que na década de 1990 ainda não existiam professores especificamente de samba rock e a popularização do profissional de dança que ensinava este ritmo se deu a partir dos anos 2000.

[...] até então não existia ensino formal de samba rock, era uma dança que se aprendia dentro das famílias, dentro da sua herança familiar, não existia professor de samba rock antes de 2000 quando começou a se entender que o samba rock ela era uma cultura acho que foi um processo aí de 10/15 anos, para esses agentes começarem a falar, entender a grandeza disso, e entender que isso poderia estar sendo discutido dentro dos canais oficiais de cultura. (MATOLLI em entrevista concedida à autora).

Infelizmente, não há muitos registros e matérias sobre o assunto, nesta época. Entre os anos de 1990 a 2000, uma nova geração de admiradores do gênero começou a frequentar os eventos e bailes onde se tocava samba rock, deixando assim, as garagens das festas familiares e expandindo esse conhecimento musical e de dança para todas as regiões de São Paulo. inclusive voltando para o centro da cidade.

Foi também nesta década que surgiu um dos grupos mais importantes, principalmente para essa geração de dançarinos, equipes de dança e admiradores, o Clube do Balanço. Em entrevista, Marco Mattoli, o fundador da banda, conta um pouco sobre este início:

[...] Em 1993, 1994, a gente lançou esses discos na Eldorado, trabalhamos, fizemos alguns shows em programas de televisão e nesse momento eu conhecendo muitos de Djs, muitas lojas de discos no centro da cidade, eu frequentei bastante o centro da cidade por conta da abertura que a banda Guanabara me proporcionou, que essa inserção da música dentro dos bailes. Eu comecei a sentir necessidade de fazer um trabalho mais identificado ainda com o tal do samba rock que eu tinha desenvolvido, a banda acabou e eu comecei um trabalho solo, aí eu pesquisei bastante e chamei alguns músicos mais próximos do samba para gravar um álbum solo meu, que saiu em 1996; álbum que se chama Balanço Bom é Coisa Rara, e os músicos que eu chamei para

me acompanhar nesse álbum solo, são praticamente os músicos que vieram dali a 5/6 anos formar a banda Clube do Balanço. (MATOLLI em entrevista concedida à autora).

E sobre como a banda entendeu o movimento, que estava tão pulsante em décadas anteriores. A banda participou ativamente desta transição ocorrida no começo dos anos 2000:

O Clube do Balanço é uma banda que foi bastante importante no início dos anos 2000, quando se começa a falar de um novo samba rock, de uma ressignificação do samba rock, que existe desde a década de 50 e 60, como uma cultura preta e periférica da cidade de São Paulo. Ele chega nos anos 2000 muito forte dentro das comunidades, muito forte nos bailes e nas famílias negras paulistanas, e nos anos 2000 ele consegue ter uma certa visibilidade dentro de uma mídia e de uma visão mais acadêmica, mais popular, classe média e mais branca. Ele sai um pouco do gueto. O Clube do Balanço em 2000 ele é bastante responsável, faz parte desse processo de uma ressignificação do samba rock, do novo samba rock se podemos dizer assim, a partir dos anos 2000. (MATOLLI em entrevista concedida à autora).

c) As Décadas de 2000 a 2016 e as Academias de Dança

A partir dos anos 2000 aconteceu um fenômeno evolutivo do samba rock, com a mudança dos bailes nostalgia para bailes especificamente de samba rock. Entre os anos de 2000 e 2016, as equipes de dança estavam consolidadas, e foram também nestes anos em que o samba rock foi mais aceito dentro das academias de dança, como um ritmo pertencente à dança de salão. Além disso, o gênero foi ensinado nos centros culturais, tanto das periferias quanto do centro da cidade de São Paulo. A professora Mara Show, lembra deste período:

[...] nessa época do ano 2000 o samba rock já estava indo para as academias já com formação de professores para as aulas e eu lembro também que mais ou menos já tinha um padrão de rotina obrigatória, que é o que a gente fala hoje para definir o que é samba rock. Movimentos específicos para você dançar samba rock, é como você. Desta forma você dança samba rock tradicional ou desta forma você dança moderna, e aí começou a aparecer as vertentes para mim. Se você pode dançar sem nó, que você pode dançar o mais lento. Aí veio as vertentes do samba rock, aí foi formando corpo nessa época do ano 2000. (SHOW em entrevista concedida à autora).

Uma perspectiva muito interessante de se observar citada por Mara em entrevista, é que entre os anos 2000 e 2016 começou também a se falar dos estilos de se dançar o samba rock. Pois, neste momento, muitas academias tinham aulas de samba rock e muitos professores que surgiram nos anos 1990 nas equipes de dança, também davam aulas. Começou a se falar do samba rock tradicional e do samba rock moderno, onde o samba rock tradicional era com os passos trazidos das décadas de 1970 e 1980 e passos mais cadenciados, com uma base diferente do que veio a ser o samba rock moderno, marcado a partir dos anos 1990, com o surgimento de passos com grau mais elevado de dificuldade e dos chamados “nós”, passos onde os dançarinos fazem uma interligação de braços e corpos, dando a impressão para quem está fora de que realmente é um nó que não será desfeito ao final da sequência na dança. Porém, ele é realizado com técnica específica, onde o nó sempre é desfeito, sem que os dançarinos soltem as mãos que estão juntas desde o começo do passo.

A equipe de dança Os Alquimistas, da qual Mara faz parte há aproximadamente vinte anos, busca resgatar o samba rock tradicional e ensinar para crianças e gerações futuras como esse ritmo se originou. Pois segundo Mara, a própria evolução do samba rock em determinada situação, pode ser prejudicial à quem a aprende sem uma base definida. Por isso, é importante que os professores e professoras conheçam o início e a base do samba rock tradicional para que possam ensinar os passos mais difíceis e os nós, tão requisitados pelos mais jovens.

Um dos principais portais sobre samba rock destas décadas, o site Samba Rock na Veia, e traz muitas referências e informações sobre as academias, professores, e aulas de dança. É possível observar também, um grande crescimento de eventos de samba rock, não apenas no centro da cidade, mas no interior e litoral do estado de São Paulo.

Algo muito importante para o samba rock neste período foi também abertura que o gênero teve nos centros culturais, na secretaria de cultura da cidade de São Paulo e no Sesc São Paulo. Isso trouxe visibilidade, para que outras pessoas pudessem conhecer o samba rock dentro das unidades do Sesc e dentro de grandes eventos realizados pela Secretaria de Cultura de São Paulo como, por exemplo, a Virada Cultural, principalmente na

década de 2010.

Outra importante manifestação cultural da década de 2010 a 2017 foi o evento chamado Samba Rock Plural, que nesta década foi um marco para todas as pessoas que estiveram envolvidas de alguma forma com o samba rock, pois foi um evento grandioso que acontecia todos os anos em um importante local tombado pelo patrimônio histórico da cidade de São Paulo, que é a Casa das Caldeiras.

O destaque especificamente para esse evento e esse local, vai de encontro com as conversas surgidas nesta época para pensar no registro do samba rock com o patrimônio cultural imaterial. Como cita Mattoli, o pensamento de que patrimônio fosse apenas para arquitetura era comum neste grupo de pessoas. Posteriormente, entenderiam que poderia ser também para manifestações culturais:

[...] A gente não sabia sobre essa coisa do patrimônio, para nós, era algo referente à arquitetura gente não tinha conhecimento sobre esse conceito do patrimônio cultural imaterial, que pode existir um patrimônio que não é material, é uma coisa de cultura. (MATOLLI em entrevista concedida à autora)

6. Samba Rock Como Patrimônio Cultural Imaterial

No Brasil, o órgão responsável pela organização e registro destes saberes culturais e sistematização diversas sobre patrimônios imateriais, é o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Segundo o IPHAN, pode-se considerar patrimônio cultural imaterial, bens culturais, manifestações sobre práticas de celebrações, modos de saberes e fazeres sobre artes cênicas, dança, música, além de locais como: feiras, mercados e espaços nos quais, as práticas culturais têm morada.

Considerando o samba rock como manifestação artística, realizada também com o intuito de resgatar uma cultura tão marginalizada e de reunir pessoas celebrantes dessa cultura, o registro e reconhecimento do gênero neste conceito de patrimônio cultural imaterial, seria importante e essencial para trazer à luz toda uma comunidade que por anos fez o samba rock crescer, tanto na cidade de São Paulo, quanto em outras cidades e estados do Brasil.

a) O Processo de Registro

O registro samba rock como patrimônio cultural imaterial, aconteceu devido a pesquisa e articulação política de um grupo formado por admiradores do gênero, produtores, músicos, professores, que, em 2010 conversavam a respeito desta possibilidade, tomando como exemplo outras patrimonializações de manifestações culturais como o samba e funk carioca, registrados em anos anteriores.

Sobre interesse Marco Mattoli, explica como se deu esta conversa:

[...] Acho também essa comunidade, começou aos poucos entender isso, ouvindo falar da patrimonialização do samba, do samba de roda, do funk carioca de outras culturas brasileiras, e aí começou a surgir uma ideia dentro dessa comunidade: Por que não o samba rock? Ele tem tudo para ser. (MATOLLI em entrevista concedida à autora).

Foram conversas iniciais e este grupo percebeu o quão possível era o samba rock ser registrado como patrimônio cultural imaterial, levando-se em conta a quantidade de documentos, flyers existentes, além de pessoas, que testemunharam o surgimento do samba rock e poderiam dar seus depoimentos sobre toda a trajetória.

Uma vez entendido que o gênero poderia se encaixar perfeitamente ao registro, o mesmo grupo procurou os órgãos competentes, e lideranças políticas alinhadas aos temas relacionados à cultura, com as quais poderiam se aliar na cidade de São Paulo. Entenderam, também em quais esferas de poder este diálogo aconteceria.

Na cidade de São Paulo, o grupo contou com o apoio da SMPPIR – Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial para fazer a conexão com o órgão público responsável pelo patrimônio material e imaterial, o Conpresp - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo.

Para que uma manifestação fosse registrada como patrimônio cultural imaterial na cidade de São Paulo, seria necessário o envio de documentação que fundamentasse a solicitação. Além disso, este grupo

precisou enviar uma série de documentos e formulários retirados do site do próprio órgão governamental. Após o preenchimento e envio da documentação e imagens, foi preciso aguardar análise da documentação completa. Após esta verificação, a Conpresp convocou o núcleo responsável para uma reunião, em que, segundo Marco Mattoli, presente na reunião, foi destacada toda essa organização ter sido realizada por um grupo altamente representativo dentro do samba rock. Esta articulação aconteceu no período de seis anos, entre reuniões, idas ao gabinete da secretaria municipal de cultura, conversas com parlamentares, organização de documentos e entregas à prefeitura.

A documentação foi aprovada, e, desse modo, no dia 11 de novembro de 2016, o então prefeito da cidade de São Paulo, Fernando Haddad assinou decreto que determinava o samba rock como patrimônio cultural imaterial da cidade de São Paulo. Esta ação, foi uma das últimas, antes do final de seu mandato. Houve, neste dia, uma solenidade na câmara municipal de São Paulo para comemorar em registrar este fato tão importante na história e na cultura paulistana. Marco Mattoli fala sobre este momento:

[...] Aos 45 do segundo tempo do governo Haddad, o samba rock virou patrimônio imaterial da cidade de São Paulo em uma cerimônia super bonita que a gente levou o seu Oswaldo, que talvez seja o Dj mais antigo do planeta, nem do Brasil, do planeta e o Nereu, um músico percussionista, cantor, que participou do Trio Mocotó e que gravou com Jorge Ben alguns discos icônicos, básicos e fundamentais da música tocada nos bailes de samba rock. Então foi muito bonito, foi muito especial. (MATOLLI em entrevista concedida à autora).

b) A Importância do Registro de Patrimônio Para o Gênero

Após o registro do samba rock como patrimônio cultural, uma pergunta ficou muito latente: E agora, o que podemos fazer para que o gênero seja reconhecido por mais pessoas e para que ele tenha editais e apoios específicos, assim como o samba e funk carioca, que já são registrados da mesma maneira?

Sobre o futuro, Marco Mattoli fala:

[...] Como qualquer coisa que envolva política de estado, precisa haver o envolvimento político. Acho que a gente quem mexe com cultura, em algum momento se depara com fato que precisa é precisa estar presente dentro das esferas de poder, dentro das esferas de cultura e representações da cultura dentro do poder do estado. (MATOLLI em entrevista concedida à autora).

É importante entender o samba rock ensinado em sua forma tradicional, porém com o auxílio de mecanismos como o registro do patrimônio, para que as próximas gerações sigam, aprendendo, ensinando, e se utilizando desta manifestação cultural como fonte de renda e de transmissão de saberes.

7. Considerações Finais

Diante do que foi apresentado, é necessário reconhecer a importância do samba rock, haja vista que o gênero se funde com o próprio desenvolvimento da cidade de São Paulo e conta a história de como a cidade foi construída e cresceu, especialmente pela perspectiva da população negra e periférica.

Desde a década de 1970, o samba rock teve papel fundamental no histórico de manifestações culturais, presentes nas casas de famílias negras, no começo desta década. Foi levado para fora destas casas, tanto para os bailes black, quanto para os bailes nostalgia, e, mais tarde, nas décadas de 1980 e 1990, para eventos específicos do gênero, programas de televisão e instituições culturais.

A partir da década de 2000, muitas pessoas passaram a enxergar o samba rock como um possível saber cultural, apto a ser registrado como patrimônio cultural imaterial, e as conversas que sucederam a partir desta ideia inicial, foram o estímulo para a organização política de grupos culturais, com este intuito.

Logo, compreender o samba rock, seja ele em sua forma musical, seja na dança, seja na música, ou observando como os agentes culturais se

organizam, serve como base de estudos para entender o próprio crescimento e evolução da cidade de São Paulo.

A partir de 2017, a administração da cidade de São Paulo, ficou a cargo do prefeito Bruno Covas. E, em 13 de setembro de 2018, a Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial - SMPIR, foi extinta pela Lei nº 16.974, de 2018. Portanto, o registro de Patrimônio Cultural Imaterial no final do ano de 2016, foi fundamental, uma vez que a SMPIR na coordenação do secretário Maurício Pestana, foi a secretaria municipal que abriu portas para que esta cultura fosse valorizada e reconhecida.

A extinção desta secretaria contribuiu para que, posteriormente, mesmo com o patrimônio instaurado, o samba rock não recebesse mais atenção do poder público municipal, assim como, faltassem editais específicos, mesmo sendo reivindicações do grupo que solicitou o registro.

8. Referências Bibliográficas

ASSEF, Cláudia. **Todo DJ já sambou**: a história do disc-jóquei no Brasil. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

BARBOSA, Márcio. **Bailes**: soul, samba-rock, hip hop e identidade negra em São Paulo. Editora: Quilombhoje, 2007

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. 3a ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

FANON, Frantz. **Em defesa da revolução africana**: Editora terceiro mundo, 1956.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Comunicação, resistência e cidadania**: as festas populares comunicação e informação, 2006.

FREIRE, Beatriz Muniz. **O que é, o que é: folclore e cultura popular**. In boletim Salto para o futuro. Cultura popular e Educação. Rio de Janeiro: TV Escola. Fevereiro, 2003.

FRITH, Simon. **Performing rites**: on the value of popular music. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

HALL, Stuart. **Da diáspora – identidades e mediações**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

GIL, Gilberto. **Expresso 222**. Gravadora Philips Records, 1972.

KUSBCHICK, Mateus Berguer. **Suingue samba rock e balanço**: Editora Medianiz, 2013.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

OLIVEIRA, Deborah de. **Os bailes da comunidade negra na cidade de São Paulo** - Um fator de resistência a discriminação racial. Trabalho científico, USP, 2008.

OLIVEIRA, Luciana Xavier. **A Gênese do Samba-Rock**: por um mapeamento genealógico do gênero, tese de Mestrado 2006.

PEREIRA, Dinho. **Entrevista de Dinheiro Pereira**, 19 de novembro de 2017: <https://artebrasileiros.com.br/da-redacao/negro-e-lindo-historia-dos-bailes-black/>. Acesso em 10/09/2020.

PEIXOTO, Luiz Felipe De Lima e SEBADELHE, Zé Otávio. **1976: Movimento Black Rio**. Editora José Olympio, 2016.

RODRIGUES, Vagner. **Fora da Mídia e Dentro do Salão**: Samba-rock e mestiçagem, dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica, PUC/SP, 2006.

SILVA, Daniela Fernandes Gomes da. **O Som da Diáspora**: A Influência da black music norte americana na cena black paulistana, tese de Mestrado, USP 2013.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**: Teoria Social Crítica na Era dos Meios de Comunicação de Massa. Editora Vozes, 2011.

Portal Iphan. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em 12/09/2020.

UNESCO. **Convenção da UNESCO para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Convencao%20Salvaguarda>

[%20Patrim%20Cult%20Imaterial%202003.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Convencao%20Salvaguarda%20Patrim%20Cult%20Imaterial%202003.pdf). Acesso em 12 de setembro de 2020.

Site. **Samba Rock na Veia**. Disponível em:

<http://www.sambarocknaveia.com.br/>. Acesso em 15 de junho de 2020.

Site. **Documentário Mil trutas mil tretas**. 2006. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=slwalSi03g8>. Acesso em 15 de junho de 2020.

Site Youtube: Odete Amaral — **Chiclete com Banana (1958)**.

Acesso em 12/09/2020

<https://www.youtube.com/watch?v=JwUJzOax4Ls>

Site: **200 Anos da Dança de Salão no Brasil**. Disponível em:

<http://tvbrasil.ebc.com.br/delapraça/episodio/200-anos-da-danca-de-salao-no-brasil>. Acesso em junho 2020.

Site: Farofa Crítica: **Marco Mattoli conta sobre o Samba-Rock como Patrimônio**. Acesso em junho 2020.

Patrimônio Cultural Imaterial:

[http://www.usp.br/cje/index.php/2019/05/13/marco-mattoli-conta-](http://www.usp.br/cje/index.php/2019/05/13/marco-mattoli-conta-sobre-o-samba-rock-como-patrimonio-cultural-imaterial/)

[sobre-o-samba-rock-como-patrimonio-cultural-imaterial/](http://www.usp.br/cje/index.php/2019/05/13/marco-mattoli-conta-sobre-o-samba-rock-como-patrimonio-cultural-imaterial/). Acesso em 15 junho de 2020.

Portal IPHAN **Patrimônio imaterial**. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em 12 de setembro de 2020.

Samba rock na veia. **Samba rock vira patrimônio cultural imaterial de São Paulo**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5780708/>. Acesso em 12 de setembro de 2020.

Samba rock é registrado como patrimônio cultural imaterial de São Paulo. Disponível em: <http://www.sambarocknaveia.com.br/2016/11/samba-rock-e-registrado-como-patrimonio-cultural-imaterial-da-cidade-de-sao-paulo/>. Acesso em 12 de setembro de 2020.

Prefeitura de São Paulo. **COMPRESP**. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/conpresp/historico/index.php?p=1132>. Acesso em 12 de setembro de 2020.

Prefeitura de São Paulo. **Documento de requerimento de patrimônio cultural imaterial** - Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/re0716regulamentacaoprocimentosregistrobensimateriaispdf_1558110165.pdf. Acesso em 12 de setembro de 2020.

ANEXOS:

Entrevista com Marco Mattoli, cantor, compositor e fundador da banda Clube do balanço, e um dos responsáveis pela reunião de documentos para o registro do patrimônio. A entrevista aconteceu em 11/09/2020.

Néia - Primeiro, se apresente por favor, e já pode emendar na trajetória do Clube do Balanço, para esse registro inicial de quem você é.

Mattoli - Boa noite Néia, eu fico muito feliz de você ter me chamado para participar do teu trabalho de conclusão de curso sobre samba rock o que é um assunto é uma paixão e esse envolvimento em comum. Meu nome é Marco Mattoli, eu sou cantor compositor e guitarrista, um dos fundadores da Banda Clube do Balanço e é isso. E muito envolvido com toda a cultura do samba rock de maneira geral nos meus 25/30 anos de carreira e de ativismo artístico.

O Cube do Balanço é uma banda que foi bastante importante no início dos anos 2000, quando se começa a falar de um novo samba rock, de uma ressignificação do samba rock, que existe desde a década de 50 e 60, como uma cultura preta e periférica da cidade de São Paulo. Ele chega nos anos 2000 muito forte dentro das comunidades, muito forte nos bailes e nas famílias negras paulistanas, e nos anos 2000, ele consegue ter uma certa visibilidade dentro de uma mídia e de uma visão mais acadêmica, mais popular, classe média e mais branca. Ele sai um pouco do gueto. O Clube do Balanço em 2000 é bastante responsável, faz parte desse processo de uma ressignificação do samba rock, do novo samba rock se podemos dizer assim, a partir dos anos 2000.

N - Como você conheceu o samba rock como músico, ou até antes disso. Você pode falar dessa sua descoberta, trajetória e conhecimento do samba rock, antes do clube do Balanço?

M - Me entendo como compositor, antes de tudo, e como músico desde os meus 15 anos de idade, onde eu comecei a me interessar profundamente

pela música brasileira, pelo samba. Sou uma pessoa que não tem isso na minha família, na minha formação familiar, então foi uma coisa que eu fui buscar em lojas de discos, livros, vivências, shows. E quando eu tinha 20 anos de idade eu já tinha algum conhecimento sobre música brasileira, vontade de trabalhar e de me expressar musicalmente e entendi que minha expressividade tinha que acontecer dentro de parâmetros de música brasileira de samba, apesar de eu ser muito ligado à pop music; gosto muito de pop Internacional, de rock, de funk, de soul. E, nesse sentido, quando eu tinha meus 24 ou 25 anos, comecei o trabalho com uma banda que se chama Guanabaras, que chegou a gravar um disco pela Eldorado, e antes disso, eu tive uma faixa desse meu grupo Guanabara lançado numa coletânea de samba rock da Band Brasil FM. Estou falando aqui de 1989 e 1990. Eles me descobriram e eu tive chance de mostrar uma demo tape, como se falava na época, para o Marquinho Silveira, para o Bene Alves e para Gleides Xavier. Eles tinham esse programa de coletâneas e eles adoravam uma música que se chamava “Correndo ao Encontro Dela”. Lançaram essa música em um LP, que se chama no “Nos Bailes da Vida”, um LP que eu tenho muito orgulho, pois é meu debut, minha estreia como profissional na indústria fonográfica. Essa faixa dos Guanabara foi abraçada pelos bailes, ela tocou bastante na época nos bailes e eu fiz algumas divulgações junto com essas caravanas que a rádio fazia, onde eu tive contato com os grandes bailes periféricos, os grandes bailes negros, que comecei a entender melhor o que era o tal do samba rock paulistano.

N - Quando você começou nos Guanabaras, o nome já era esse? As pessoas já falavam sobre samba rock nos bailes? Já era assim você só foi entender o que era isso depois?

M - Só fui entender depois. Quando a gente começou, os Guanabaras era uma proposta de uma banda pop com uma influência brasileira, a gente tinha uma forte influência de Jorge Bem, Tim Maia. A gente explorava um pouco isso e buscava fazer uma música pop com uma forte raiz brasileira e uma forte raiz de samba. Na verdade, o mundo do samba rock nos abraçou e foi aí que eu fui entender o que era esse mundo, e fui explorar esse mundo a

partir desse lançamento da coletânea da Brand Brasil FM. Eu fiquei muito impressionado. Porque é um universo, e quando você se dá conta e se depara, é muito poderoso, é muito rico, é muito bonito. E é um dos nichos da cultura preta brasileira que eu conheci lá aos meus 24/25 anos de idade.

N - Depois disso, você então conheceu o pessoal do Clube do Balanço e montou esta outra banda?

M - Em 1993 e 1994, a gente lançou esses discos na Eldorado, trabalhamos, fizemos alguns shows em programas de televisão e nesse momento eu conhecendo muitos de Djs, muitas lojas de discos no centro da cidade, frequentei bastante o centro da cidade por conta da abertura que a banda Guanabara me proporcionou, dessa inserção da música dentro dos bailes. Eu comecei a sentir necessidade de fazer um trabalho mais identificado ainda com o tal do samba rock que eu tinha desenvolvido, a banda acabou e eu comecei um trabalho solo, aí eu pesquisei bastante e chamei alguns músicos mais próximos do samba para gravar um álbum solo meu, que saiu em 1996; álbum que se chama Balanço Bom é Coisa Rara, e os músicos que eu chamei para me acompanhar nesse álbum solo, são praticamente os músicos que vieram dali a 5/6 anos, formar a banda Clube do Balanço, que são: Peixe, Gringo Pirronguelli, Chulapa, Tiquinho, Fumaça, Fred Prince. Este era o esqueleto básico do que viria a ser o Clube do Balanço, dali a 5/6 anos.

Em 1994/1995 era um grupo que me acompanhavam numa tentativa de fazer um disco de samba rock já explicitamente. Para este disco, eu chamei o Luís Wagner, que eu já conhecia a essa altura. Neste disco, tem 4 ou 5 faixas que viriam a ser regravadas no Clube do Balanço. Só que eram rascunhos, a gente ainda estava tateando com essa coisa de samba rock, qual era a sonoridade do samba rock. É um disco solo meu, um disco que eu escondo das pessoas porque acho que não é um bom disco, eu não gosto muito, ele é mais uma experiência, um rascunho do que propriamente um disco, mas ali já está toda semente do Clube do Balanço, que viria acontecer 5 anos depois.

N - Entrando um pouco aqui no artigo, fiquei muito impressionada quando fui fazer o trabalho sobre isso, ao saber que nós temos uma universidade aqui na cidade de São Paulo que é USP, onde há este curso sobre cultura, e ninguém nunca falou sobre o samba rock.

Agora a pergunta: Lembrei de uma conversa que nós tivemos em evento, em que você falou sobre samba rock, do porquê é muito difícil definir o samba rock para gente que está de fora dele. Para quem dança, havendo uma batida que dá para dançar, a gente dança. Então o samba rock fica muito naquela: É o que? Como é definido? Lembro de você ter falado uma vez da sua perspectiva de músico, que ele tem um jeito de se tocar que é diferente, que é característico. Então da perspectiva musical você poderia me falar um pouco sobre isso, qual é a diferença de batida, jeito de tocar... enfim, para a gente tentar entender um pouco da perspectiva do músico?

Sobre o seu adendo, acho muito importante começar a ter maior densidade de trabalhos acadêmicos sobre samba rock. Porque, por exemplo, sobre samba, são sim vários trabalhos. Não digo que são suficientes, porque sempre uma coisa deve ser pesquisada e várias visões são bem vindas, mas realmente eu acho que a gente tem aquele sentimento de que São Paulo não é merecedor de uma atenção à cultura produzida na cidade, eu acho que tem um certo fundo nisso, acho muito bacana e fico muito feliz com a sua iniciativa de fazer um trabalho acadêmico falando sobre o samba rock e espero que muitos outros venham, por que cada trabalho acadêmico mostra um ângulo, uma visão, mostra um aspecto e ajudam as gerações futuras e outros pesquisadores a entenderem o que foi o samba rock na metade final do século XX e no século XXI.

Bom, então vamos lá, sobre a dificuldade de se definir samba rock é muito interessante a dificuldade de se definir é um pouco explicação do que é o samba rock, eu acho que um dos aspectos mais interessantes do samba rock é a maneira como ele incorpora músicas alienígenas a ele. Ele pega uma música e declara: música! Você é um samba rock! Eu acho que isso é um aspecto muito interessante dessa cultura, é um aspecto que merece ser destacado e ter uma certa reflexão filosófica e cultural sobre isso. Talvez

tenha a ver um pouco com a cidade de São Paulo, com essa grande diferença que existe dentro de uma mesma cidade. A gente sabe que dentro de São Paulo temos nós temos Suíças, nós temos Áfricas, nós temos Europas, nós temos extrema pobreza, nós temos altíssima riqueza e acho que cultura do samba rock de alguma maneira reflete isso. A primeira coisa que é dificuldade de se definir o samba rock, é porque você não consegue definir pela música, porque um dos eixos centrais para se definir a cultura é o baile, é o evento, é o ponto de encontro, é a festa. A festa é um dos eixos principais para se entender o samba rock, que seria o baile black. Neste baile, você ouve o DJ, que tem um papel de griô, de pesquisador, de interface entre a música fonográfica produzida no planeta, e o que as pessoas estão dançando. Ele pode sugerir para o samba rock coisas muito diferentes, que podem ser classificadas em caixinhas muito diferentes. Como por exemplo, um jazz de Jimmy Smith, tocado com órgão americano e um sambalço do Orlandivo, da década de 1950. E isso é classificado dentro do samba rock, é tão samba rock, uma coisa quanto outra, apesar do Jimmy Smith e do Ed Lincoln não fazerem ideia do que é samba rock. Mais interessante ainda, Ray Charles tem músicas que tocam e bailes de samba rock, ou Paul McCartney... Eu acho muito divertido, muito interessante, é um aspecto a ser explorado na discussão cultural, na discussão filosófica. Essa liberdade, essa folga que o samba rock tem com outros gêneros musicais. Ele se apropria e dane-se, ele pega uma música do Wes Montgomery e fala: isso é samba rock, ou ele pega um Aniceto do Império, que é um partido alto do Rio de Janeiro, fala: isso é samba rock. Mas qual é o fio condutor que o Dj usa para propor dentro dessa cultura? O DJ usa é o aspecto rítmico que serve a dança, um pouco do aspecto estético e o espectro rítmico. Então, a dança é um outro eixo muito importante para se entender o que é samba rock, a festa, a dança, a que é uma dança que só se dança na cidade de São Paulo, pois ela foi criada nesse ambiente, ela foi desenvolvida dentro desse ambiente do baile, e ela não existe fora de São Paulo. Agora existe, porque ela é ensinada, mas foi gerada aqui.

E musicalmente falando, se é que possa existir uma definição musical do samba rock, eu sinto que existem alguns subgêneros que funcionam dentro do samba rock. Eu acho que um soul, um balanço, funcionam, eu acho que

o partido alto funciona, mais lento mais cadenciado, eu acho que o samba e o pagode mais cadenciados funcionam, eu acho que o Shuffle americano, que tem o acento no: e 1, e 2, e 3, e 4, *tan, tan dan, ta dan, tan dan*, isso funciona, os assentos no contratempo do compasso quaternário funcionam. É claro, os artistas que se aproximaram mais do gênero frequentando os bailes, que são o Branca de Neve, Beбето, Clube do Balanço, que ouvindo esse rico repertório musical, fizeram um novo repertório, inspirados nessas pessoas e nesses artistas, que foram assimilados pela cultura do samba rock.

Acho que em São Paulo é o eixo onde tem que ter uma negociação constante de coisas muito diferentes e muito opostas. Ele é refletido numa cultura paulistana, eu acho que esses eixos opostos, que são o tempo inteiro negociado numa cidade, uma metrópole poli cultural poli racial, poli religiosa, como São Paulo, essas diversas negociações e acomodações, elas aparecem de uma maneira muito interessante dentro da cultura do samba rock. Dei uma floreada no eu chamava de antropofagia.

N - Entendi sua referência, mesmo. Assim, eu acho que tem tudo a ver, talvez não usando com a palavra “antropofagia”, talvez a gente possa até pensar em outro conceito... enfim, não sei.

M - Mas é isso que vocês acadêmicos podem pensar: uma boa palavra. Uma nova boa palavra para explicar esse tipo de negociação constante que existe.

N - Vou dar um salto aqui, e queria agora falar um pouco sobre o registro do samba rock como patrimônio cultural imaterial da cidade de São Paulo, porque você participou desse processo. Queria que você falasse um pouco sobre como foi chegar até esse registro, como foi o processo até isso acontecer, e depois também se você pudesse já emendar um pouquinho sobre após o registro, o que você acha que ainda pode ser feito, o que as gerações que estão aí na correria do samba rock, seja músicos, seja dançarinos, seja produtores, enfim em qualquer esfera, têm condições de fazer agora com esse registro. São duas coisas diferentes, duas perguntas na verdade, pra você contar um

pouco da trajetória depois a gente fala um pouco do futuro.

M - Vamos lá, primeiro, eu quero dizer que demorou alguns anos para a gente entender que samba rock era uma cultura, eu acho que quando a gente começou a mexer com isso, pelo menos eu, estou falando uma maneira pessoal, em 1995/1996, eu sentia que era uma coisa bacana que acontecia na cidade de São Paulo, mas depois com o clube do Balanço, o sucesso, mais do que o sucesso, como o samba rock foi atingir um status de realmente um estilo, um dos estilos do samba brasileiro, reconhecidamente pela mídia, pelas pessoas da cultura, a partir de 2000. Porque acho que até 2000, o samba rock era uma coisa realmente muito restrita, muito muito fechada dentro das comunidades periféricas paulistanas, e quando se falava de samba rock fora desse lugar, as pessoas simplesmente não sabiam o que era, se você perguntasse para um historiador de música em 1996 sobre samba rock, era um em quinhentos que sabia do que se tratava. Era só realmente quem tinha essa vivência mais próxima da negritude e da cultura brasileira. Mas enfim, quando em 2000 isso começa a ter uma maior visibilidade na mídia, acho que aos poucos agentes culturais do samba rock, as bandas, e quem começou a ler e ensinar um pouco como se dançar, porque até então não existia ensino formal de samba rock, era uma dança que se aprendia dentro das famílias, dentro da sua herança familiar, não existia professor de samba rock antes de 2000, quando começou a se entender que o samba rock ela era uma cultura. Acho que foi um processo aí de 10/15 anos, para esses agentes começarem a falar, entender a grandeza disso, e entenderem que isso poderia estar sendo discutido dentro dos canais oficiais de cultura. Eu acho que o impulso grande, essa conversa começou a surgir entre o Jorge Filho, a Krista Kateneva, o Nego Júnior, e eu. Foi uma turma que a gente começou a falar: gente, o acarajé é patrimônio imaterial cultural. Também a gente não sabia sobre essa coisa do patrimônio, para nós, era algo referente à arquitetura, gente não tinha conhecimento sobre esse conceito do patrimônio cultural imaterial, que pode existir um patrimônio que não é material, é uma coisa de cultura. Acho também essa comunidade, começou aos poucos entender isso ouvindo falar da patrimonialização do samba, do samba de roda, do funk carioca de outras

culturas brasileiras, e aí começou a surgir uma ideia dentro dessa comunidade, por que não o samba rock? Ele tem tudo para ser. Do momento que a gente teve essa ideia, até conseguir atingir as políticas, que pudessem articular isso dentro dos órgãos municipais competentes, que seria o Conpresp, foram mais uns 3/4 anos batendo cabeça, conversando com deputado, com vereador, com o secretário de cultura racial. Essa turma foi aprender como que se faz isso, politicamente falando e documentalmente falando. Demorou um pouquinho para essa turma atinar, até que num certo momento depois de muita conversa, muita reunião, tenta não dá certo, tenta de novo, não dá certo, a gente conseguiu também já mais conscientes de como funcionava isso, junto ali do secretário de igualdade racial, que não existe mais secretaria de igualdade racial no atual governo, a gente tá falando da época do Haddad, claro, que era o Pestana, conseguiu através de alguns vereadores, alguns deputados do PCdoB, da turma negra, ligados a cultura negra do PC do B, gente conseguiu chegar do Conpresp. Vimos quais eram os requisitos de documentos, de fotos, enfim de materiais que a gente precisaria para comprovar junto ao Conpresp, que o samba rock se tratava de uma cultura patrimonializável. De um jeito muito bacana, a gente foi atrás dos baileiros, de fotos, de flyers, de documentos históricos, de fotos antigas que mostravam que já existiam rudimentos da dança. A gente estruturou um argumento, levou, ganhamos um elogio do Conpresp, dizendo que nossa proposta foi muito bem estruturada, e eles gostaram muito que realmente uma comunidade representativa abraçou a causa e foi atrás disso, E, aos 45 do segundo tempo, do governo Haddad, o samba rock virou patrimônio imaterial da cidade de São Paulo, em uma cerimônia super bonita em que a gente levou o seu Oswaldo, que talvez seja o Dj mais antigo do planeta, nem do Brasil, do planeta, e o Nereu, um músico percussionista, cantor, que participou do Trio Mocotó e que gravou com Jorge Ben alguns discos icônicos, básicos e fundamentais da música tocada nos bailes de samba rock. Então foi muito bonito, foi muito especial.

N – Perfeito, era mais uma trajetória mesmo de como foi esse processo, porque a gente não tem ideia de como isso acontece. É sempre bom a gente explicar e dizer que é possível. E o samba rock, antes do registro,

já era um patrimônio da cidade.

M - Bastava as pessoas que faziam, os agentes culturais que sustentavam essa cultura falar: puxa, nós temos uma cultura, que é um patrimônio realmente né? Demorou para nós entendermos isso.

E sua segunda pergunta é sobre as gerações futuras, o que fazer com isso, olha, como qualquer coisa que envolva política de estado, precisa ver o envolvimento político. Acho que a gente quem mexe com cultura, em algum momento se depara com fato que precisa estar presente dentro das esferas de poder, dentro das esferas de cultura e representações da cultura dentro do poder do estado. Eu acho que isso talvez seja uma coisa até da cultura afro descendente, pois as culturas afro descendentes foram sempre tentadas ser apagadas, serem diminuídas, ou serem coibidas de existir pelo estado, é essa a realidade. O Estado sempre teve esse papel de repressão a expressividade das culturas negras, o estado nunca foi amigo das culturas negras, o Estado mandava prender o capoeira, o Estado batia em quem estava andando com o pandeiro na mão, o Estado considerava vadiagem uma pessoa com violão e fazendo uma roda de samba...isso é uma coisa histórica e faz parte de um racismo estrutural da sociedade brasileira, então é natural que as pessoas que lidem com cultura afrodescendente, não se sintam à vontade de buscar as ferramentas institucionais de cultura para tentar a obter apoio, para fazer essa cultura do estado, porque tradicionalmente o estado vai apoiar uma cultura mais eurocentrada, uma cultura mais branca, que vai ignorar ou pelo menos tentado uma maneira paternalistas as culturas afrodescendentes. Então, eu acho que é natural isso, é uma coisa que historicamente eu acho que muito natural acontecer, porém é algo que a gente precisa mudar já que a gente também já passou por um governo popular na era na época Lula, a gente passou por governos que buscaram conversar com esses setores da cultura, eu acho que se não houver o esforço por parte desses agentes da cultura de buscar um diálogo, de buscar uma representatividade nos espaços de poder, a gente não vai conseguir melhorar e fazer a nossa cultura ser preservada e fazer era ir para frente, então eu acho que é um esforço das novas gerações quebrar esse velho paradigma de que a as instituições culturais do estado não são para a

cultura afro descendente. Não, são sim, a gente precisa aprender a lidar, e precisa se envolver, porque isso quer dizer que nós, agentes culturais, temos que buscar as secretarias de cultura, buscar os vereadores, buscar as esferas do poder e buscar uma representatividade disso. E a patrimonialização é um primeiro passo para isso, mas existem diversos passos a serem feitos, para próximas gerações em termos de buscar, uma delas, é uma verba anual destinada a cultura do samba rock, outra é termos espaços de cultura na cidade de São Paulo, ou termos pelo estado um local reservado para a cultura do samba rock. Enfim, tem muita coisa, um trabalho enorme a ser feito e muita coisa a ser explorada, mas eu acho que a gente tem que ir atrás de reivindicar o que é nosso.

N - Então, é isso. Você respondeu divinamente e vai ajudar a colocar essas referências em meu trabalho. Muito Obrigada!

M -Imagina é um prazer falar com você e filosofar sobre. É uma honra participar de um trabalho acadêmico sobre samba rock, especialmente com você, que foi super ativa em diversos momentos do Clube do Balanço, na produção cultural de coisas muito bacanas, que a gente fez, como por exemplo o Cruz da Esperança, em que a gente trabalhou junto. Acho que a gente fez coisas muito bacanas pela cultura negra brasileira e pelo samba rock. É uma honra trabalhar ao seu lado sempre. Boa sorte neste seu artigo!

Entrevista com Mara Show, Professora de samba rock, dançarina e ativista cultural. A entrevista aconteceu em 29/09/2020.

Néia – Boa tarde Mara. Em primeiro lugar, me fale seu nome completo e de onde você é, por favor.

Mara - meu nome é Mara Maria, é com este nome que eu trabalho, eu moro aqui próximo do Jardim São Luís, é perto da João Dias, e o meu bairro se chama Jardim São João. O pessoal me conhece como Mara Maria e teve uma época usava o nome artístico de Mara Show. Vou falar até um pouquinho desse nome, que é interessante, porque na minha trajetória, eu comecei com o professor ali por volta de 1995, eu comecei com o professor que chamava Criole, e é ele era da Vai Vai. Esse professor Criole, ele fazia muito show de samba no pé, já pegando o ritmo da Vai Vai ali, e a gente misturava samba no pé com o pagode, e aí, samba rock, samba no pé e samba pacote. Nisso, gente começou a fazer muitos shows por São Paulo, e aí tinha uma outra professora que chamava Mara Santos e com 6 meses ele já me colocou para trabalhar com aula. Depois que comecei a dançar e aí como tinha Mara Santos, eu fiquei Mara show e a gente trabalhava junto, e o nome do grupo dele era Criole show, foi o primeiro nome. Depois eu troquei de professor, troquei de lugar, os anos foram passando e eu conheci CIA Alquimista, na qual eu estou até hoje, com o meu professor, mestre Ataliba. E hoje, é mais conhecida e por um monte de gente, porque a gente trata muito com o samba rock contemporâneo e tradicional. Hoje em dia, a maioria dos professores trabalham muito com o samba rock. A gente começou com a nossa linha de trabalho cultural, para os jovens de hoje entenderem como o samba rock chegou até aqui, a gente faz um trabalho para estes jovens não perder a origem da cultura. E aí eu fui para o nome mais sério né, professora Mara Maria, e fui para a arte educadora.

N - Você conheceu então em aula o samba rock em 1995, na tua família não tem ninguém que dança, não tem ninguém que te ensinou, ou dançava em festas?

M - Tem sim. Eu sou a caçula quatro irmãos homens e quando eu ia para escola, eu passava por uma escola de balé e aquilo me atraía de tal forma..., mas estava inacessível para mim na época, tinha 6 anos, e eu não sabia nem como contar para meus pais. Então, crescendo junto com meus irmãos, eu tinha um irmão que gostava de moto, eu tinha um irmão que curti flash house, e tinha um irmão que curti uns blacks, que hoje a gente que chama de nostalgia. E na casa dos meus tios e da minha vó, eu era pequena ainda e não tinha nem noção. Então, em natal, ano novo, aniversário, sempre tinha uns bailes. Eu não sabia o que era mas já estava vivenciando isso. Quando eu estava na fase dos 10 anos, minha mãe me levou numa festa de aniversário, onde tocava muito Branca de Neve e eu gostava daquilo. E, com meus 18 anos, eu achava que já sabia dançar samba rock, e aí eu descobri que existia aulas, então, eu quis aprender. Aí foi quando eu fui aprender samba, e quando eu cheguei lá, eu vi universo muito maior do que eu conhecia. Mas eu já estava tão incorporada dentro desse universo, que foi natural para mim, na época não sabia nem o que era, e com 6 meses, eu já comecei em fazer parte da companhia de dança. Eu nem sabia o que era, mas já estava muito dentro. Aos poucos, eu fui descobrindo coisas, e começamos a fazer apresentações em tv. Quando cheguei no Criole, que foi mais ou menos 1995, fui para aprender outros sambas porque dentro da minha cabeça eu já sabia dançar.

N – O aparecimento de várias equipes de dança, foi mais ou menos final dos anos 1990/2000, não foi? E começou também a ter bastante aula, academias dando aula de samba rock...

M - Não era comum a aula de samba rock na academia não. Mas já existiam os times, os campeonatos, porque na época do Sambarylove, eu já curti e já tínhamos campeonato. A gente fazia a apresentações e era mais uma disputa regional, zona sul, zona leste, zona norte, e aí vinha a os campeonatos, que não era aula, era campeonatos e então a gente ia aprendendo e a ia desenvolvendo algumas coisas no nosso corpo, pelo grau de dificuldade. Nesta época, surgiram Cláudio nostalgia, Marquinhos Desembaraçando o Nó, entre outras equipes, mas não era uma coisa formal,

então colocavam um passo, um ritmo, um braço, uma perna, e conforme o grau de dificuldade, ou beleza desses passos desses passos, os jurados elegiam o melhor o melhor grupo, e começaram a surgir a também as cias de dança, porque o samba rock veio, a dança primeiro e depois, o ritmo. Dentro das músicas soul, jazz americanas que depois com as músicas nacionais quando a coisa foi tomando corpo.

No ano 2000, eu já tinha trabalhado 2 anos com dança de casal, seja samba rock, samba pagode, forró, quando eu quis aprender samba de gafieira, eu cheguei numa nessa academia da Mara Santos, que foi quando eu troquei de professor e que eu falei pro mestre Ataliba: eu já danço samba rock, agora eu quero aprender samba gafieira, e aí ele falou: então mostra. Precisava de um cavalheiro para eu mostrar, e ele disse que se eu dançava junto, também dançava sozinha, eu disse que não sabia direito, então ele disse que eu não dançava samba rock e que para ser uma professora, eu teria que saber passo masculino e passo feminino e dançar solo, e aí já veio um aprendizado profissional, então, nessa época do ano 2000, o samba rock já estava indo para as academias já com formação de professores para as aulas, e eu lembro também, que mais ou menos já tinha um padrão de rotina obrigatória, que é o que a gente fala hoje para definir o que é samba rock. Movimentos específicos para você dançar samba rock. Desta forma, você dança samba rock tradicional ou desta forma, você dança o moderno, e aí começou a aparecer as vertentes para mim. Aprendi que você pode dançar sem nó, que você pode dançar o mais lento. Aí veio as vertentes do samba rock, aí foi formando corpo nessa época do ano 2000. Nessa época, Mestre Ataliba, estava saindo de um projeto com o professor mosquito que chamava projeto DANÇAR. Esse projeto DANÇAR, hoje traz a história dos maiores professores de samba rock dos anos 2000. Os melhores professores, os mais conhecidos, todos eles saíram desse projeto. Nessa época, teve um vídeo do clube do Balanço, que eles gravaram lá no Green Express, como um registro do trabalho que o projeto dançar estava fazendo, então ele foi um registro aquele momento, que a gente nem sabia que ia se transformar em tudo isso que está hoje, mas ele já é um registro daquela época do que já estava acontecendo e a gente nem tinha dimensão do que aconteceria com o samba rock. Porém, esse grupo tinha muito desejo que o samba rock

virassem uma coisa muito grande em São Paulo, no Brasil e Internacionalmente. Só que pelos os conflitos que acontecem quando você trabalha com grupo, chegou o momento que eles se separaram, e o projeto DANÇAR acabou.

Quando a gente quer dançar samba rock a gente tem que ir ao baile nostalgia para dançar o samba rock, só que, a gente chega lá no baile nostalgia, vai tocar vários tipos de músicas negras até chegar à seleção do samba rock. Vem as músicas, e aí eu tenho que esperar de 3 a 4 horas para dançar músicas de samba rock, porque eu gosto de samba rock. Ah, então vamos fazer um baile só de samba rock? Aí começou a se pensar e fazer acontecer, porque o projeto dançar não tem certo e se separou, aí um foi para Osasco e começou a tentar fazer esse trabalho lá, outro foi para zona norte, começou, e aí foi acontecendo e a disputa sempre aconteceu, e aí foram aparecendo mais equipes e a gente teve uma fase ali no centro da cidade, tanto ali na São Bento, quanto Vale do Anhangabaú, que era muita competição de samba rock. Então, chegou o momento que a gente conseguiu colocar o ritmo samba rock dentro das academias e fazer o baile de samba rock. Mas, a gente não conseguia colocar o samba rock dentro do currículo da dança de salão, ele ainda não entrava, como hoje ainda tocam em quase todas as academias, mas ele não entra no conjunto dança de salão. Pois, é identidade negra, então é como você já deve ter estudado, os bailes blacks começaram, porque os DJ traziam e mixavam as músicas americanas. Porque, a gente não tinha dinheiro para ir às festas, como os brancos tinham, então os DJs faziam a discotecagem, e foi evoluindo até hoje. E dentro, os professores vieram nesse segmento, tipo: quero fazer do samba rock uma coisa muito grande, e quero colocar ele dentro das academias de dança de salão, e hoje até tem, mas ainda não está dentro desse universo fechado, quando você fala dança de salão não imagina o samba rock lá. Nós temos danças que começaram, quando a gente já vai para o lado de falar de identidade, como a zumba, como o tango, vieram da África, de Angola, que só entraram na mídia quando um branco estava lá representando aquele ritmo negro. Então, quando a gente fala de quando a gente trabalha para dança neste sentindo da cultura, a gente vai até um pouco mais atrás, porque antes de um branco apresentar e virar conhecido

para a população, para a região, para o país, antes disso, tem muitas histórias que os negros já cantavam, já dançavam, mas não era divulgada, aí, o branco vem, pega, leva e fala que eles fizeram. A gente que tem essa formação tenta passar isso para os jovens hoje que se identificam com samba rock moderno. Tem muita coisa para aprender, mas a gente tem um pessoal daquele começo, que não abre mão da cultura, porque para manter a cultura, porque a gente tem espaço e gente não pode perder a nossa verdade. A gente tem uma história e não custa nada quem está chegando, parar para ouvir, dar uma olhada em como começou, e nem é tanto tempo assim, tem menos de 70 anos, mas é uma história de mudança, é uma história de tanta gente que nem sabia. As equipes vão surgindo e vão olhando daqui para frente. A gente consegue trabalhar muito bem com Sesc, pois dão espaço cultural e de não abrir mão da identidade, seja lá qual for a cultura que você estiver falando. Chega uma hora que o aluno no samba rock moderno não tem mais pra onde ir, ou melhor, ele acha que ele não tem para onde ir, porque ele é um cara que tem um corpo bacana ou ela é uma mina que tem um suíngue lindo, chega na competição e começa ganhar e depois pensa que já ganhou três, e tem que trocar de menina, e essa mina que ficou para trás, ela desanima e fala: ah, já cheguei no topo e agora já era. É aí que gente entra e pergunta se ela sabe por que faz isso, se sabe de onde veio isso? E com o tango mesmo, que é conhecido é mundialmente como o ritmo da Argentina, e se você for olhar a história desde o começo, vai ver que ele é africano. Aqui não é diferente e chega um momento que essa nova geração não tem nem conhecimento de que começou lá atrás, pois eles vão pelo grau de dificuldade, mas quando eu pego a minha tia, a minha mãe, elas dão um baile na gente de história, de bailes que tiveram na época. E penso, como profissional, o que eu posso oferecer para essa senhora.

N - Quería que você falasse um pouco sobre como você acha que serão seus próximos 30 anos no samba rock. Como você acha que vai estar daqui para frente, para as pessoas que ainda vão aprender, para as pessoas que estão dançando agora, para as pessoas que já sabem.

M - Eu tenho uma visão e uma posição. Hoje, o nosso trabalho é não deixar a cultura morrer, nós como companhia de dança e formadores de opinião de cultura, a gente bate na origem. Enquanto eu tenho 300 meninas fazendo 20 tipos de nó cada uma diferente da outra, e eu com 45 anos, meu corpo já não corresponde a esse samba rock, é tão gostoso quando você mostra para essa mesma população, como nasceu e que não precisa ser difícil para ser gostoso, para ser samba rock, o dois pra lá, dois pra cá dentro da batida da música, o seu giro dentro da batida da música, a música certa para a dança certa é, muito prazeroso e não precisa ser esse nonte de nó. Hoje, eu trabalho com uma linha infantil do samba rock, o projeto se chama “Meu Primeiro Contato”. Porque a gente trabalha com isso, a dança para mim é um instrumento para eu chegar a um jovem, ou mais velho, ou uma mulher, para a inclusão social. Tem tantas histórias e ouvindo os desabafos, vem a inclusão social. Então, quem conseguir ter essa visão de que é a dança é uma inclusão social, daqui 30 anos a gente vai ter muito mais gente falando de samba rock. A gente vai plantando cultura, porque a dança é só um instrumento para várias coisas.

N - Muito obrigada viu, gostei muito de ter falando com você.

M - Obrigada você por ter deixado esse tempinho aí para falar comigo. E se você tiver alguma dúvida, se quiser implementar alguma coisa, pode me chamar de novo. Um beijo, Preta.

Documento de registro do samba rock como Patrimônio Cultural Imaterial



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
CONPRESP - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio
Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo

RESOLUÇÃO Nº 32 / CONPRESP / 2016

O Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo - CONPRESP, no uso de suas atribuições conferidas pela Lei nº 14.406, de 21 de maio de 2007, conforme a decisão dos Conselheiros presentes na 639ª Reunião Ordinária, realizada em 11 de novembro de 2016;

CONSIDERANDO que o Samba Rock surgiu na segunda metade dos anos 1950 em salões de baile na região central da cidade de São Paulo, cujos frequentadores eram, em sua maioria, moradores de bairros da Zona Norte da cidade;

CONSIDERANDO que o Samba Rock se firmou como uma nova dança em bailes animados pelo som de vitrolas elétricas e discos de vinil, e que seus passos se definiram a partir de uma mescla de influências, com predomínio do rockabilly;

CONSIDERANDO que o Samba Rock se consolidou como manifestação cultural paulistana, cuja maior expressão se dá em bailes organizados por uma comunidade de dançarinos, músicos, DJs, entre outros;

CONSIDERANDO que o Samba Rock é fator de identidade de grupos sociais que desenvolveram um padrão de sociabilidade específico em torno dessa modalidade de dança e nos bailes organizados à moda dos antigos "bailes Black".

CONSIDERANDO o contido no processo administrativo nº 2016-0.241.941-4;

RESOLVE:

Artigo 1º - DECLARAR como PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL da Cidade de São Paulo o SAMBA ROCK.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
CONPRESP - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio
Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo

Artigo 2º - O registro far-se-á no Livro de Registro das Formas de Expressão.

Artigo 3º - O registro será reexaminado no prazo de 10 (dez) anos a contar da data da publicação desta Resolução.

Artigo 4º - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação no Diário Oficial da Cidade de São Paulo.

DOC 23/11/2016 – página 38